

Salário baixo afasta médicos

A 55 quilômetros do Plano Piloto, hospital tem 53 leitos

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, sexta-feira, 8 de agosto de 1986 19

de Planaltina para atender 110 mil pessoas

LEONEL ROCHA
Da Editoria de Cidade

Construíram um prédio e depois resolveram que no lugar funcionaria um hospital. Foi assim que aconteceu em 1976 com o Hospital Regional de Planaltina (e também com o Hospital de Brazlândia). Pouco espaço nas salas, corredores e, principalmente, no Pronto-Socorro, onde não existe qualquer abertura para iluminação ou ventilação. Dentro de cinco anos, caso não seja feita uma reforma geral no HRP, ele ficará nas mesmas condições dos piores hospitais da rede, segundo previsão do diretor Carlos Alberto Campos.

O Pronto-Socorro tem apenas 300 metros quadrados e somente em fevereiro do próximo ano vai ser concluído o novo, com mil e 200 metros quadrados. Em meio a biombos, macas e outros materiais próprios para um hospital, o Pronto-Socorro convive com peças estranhas como ventiladores potentes para minorar o problema da ventilação. São 53 leitos. Eram 55, mas dois foram desativados. Eles serviam à área de isolamento. A direção do hospital resolveu acabar com o isolamento porque não funcionava dentro das normas e hoje utiliza os dois leitos para ambulatório. Paciente que necessitar de isolamento é transportado para Sobradinho ou Taguatinga.

O hospital atende a uma população de 65 mil habitantes, somente em Planaltina. Mais 45 mil de Brasília e localidades próximas. A quantidade de leitos também é insuficiente. O diretor do Hospital Regional de Planaltina, Carlos Alberto Campos, acredita que "é fundamental a remoção de pessoal do Hospital de Base para a periferia, já que, com o fechamento da emergência do HBB, muita gente vai ser atendida nos hospitais das cidades-satélites.

ESPAÇO

Quem projetou o Hospital de Planaltina não deve ter sido avisado de que ali seria necessário espaço adequado para o tratamento de pessoas doentes — muitas delas com doenças contagiosas —, que os médicos, enfermeiros e paramédicos necessitam de sala de repouso, que o pronto-socorro necessita de ventilação e iluminação. O diretor acredita que não existiu esta preocupação e hoje os problemas se acumulam.

Além disso, construir um hospital para 55 leitos é criar um sistema de operação muito caro, argumenta Carlos Alberto Campos. Ela está solicitando da Fundação Hospitalar a ampliação do HRP para 200 ou 250 leitos. Existe a promessa da FHDF de que a ampliação sairá: "Já estão construindo o novo pronto-socorro e este problema para a nossa administração está sanado", observa Carlos Alberto Campos.

Ao todo são 87 médicos, 17 enfermeiros e 139 auxiliares de enfermagem trabalhando diariamente. Mas o temor do diretor é de que este número seja reduzido e prejudique o atendimento. A razão para o temor é o salário baixo. Qualquer emprego que um médico encontre paga melhor que trabalhar em Planaltina, a 45 quilômetros da Estação Rodoviária do Plano Piloto.

É fundamental que o funcionário do hospital (geralmente médico, enfermeiro e auxiliares) receba 40 por cento de "interiorização", uma espécie de comissão para ajudar no transporte e estimular o profissional a trabalhar tão longe de sua casa. "Não podemos colocar um fuzil nas costas de um médico ou enfermeiro e mandá-lo para Planaltina. Melhor é aumentar o salário e fazer com que o profissional trabalhe satisfeito", acredita o diretor do hospital.

Com a criação de um novo

pronto-socorro, o hospital vai ter oportunidade de ter um laboratório maior, assim como a sala destinada à radiologia e internamentos. Assim como em todos os hospitais da rede, a falta de leitos deixa pacientes nos corredores do pronto-socorro em macas à espera de vaga no ambulatório.

A sala da diretoria do hospital, por exemplo, foi improvisada. Lá existe, também, um vice-diretor que divide a sala com o diretor-geral. O mesmo acontece com os vestiários, banheiros e outras dependências. O Hospital de Planaltina é exatamente igual ao Hospital de Brazlândia. Os dois foram feitos na mesma época e projetados pelo mesmo arquiteto. Os problemas de espaço são enfrentados também por Brazlândia.

A proposta do diretor do HRP é de que a Fundação Hospitalar destine um engenheiro e um arquiteto para atender a Sobradinho e Planaltina, já que as duas cidades são próximas.

RELATORIO

Mais de 60 dias após a greve, encerrada depois da promessa do Governo do Distrito Federal de atender a algumas reivindicações básicas da categoria médica, nada mudou também em Planaltina. O alto índice de insalubridade em razão da péssima distribuição das salas continua. O Sindicato dos Médicos pediu, em seu relatório, prioridade para alocação de recursos humanos, criação de uma central telefônica, sala asséptica na internação, reforma do pronto-socorro, arejamento adequado para o berçário, definição imediata da área em torno do HRP e dos centros de saúde como propriedade da Coordenação Regional de Saúde para se evitar a instalação de aglomerados, entre outras medidas, mas nada disso aconteceu.